

# O ESPETÁCULO DA ABOLIÇÃO: A NEGRA NUA

Geysa Danielle Barbosa de Moura Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo fazer uma análise histórica do Monumento da Negra Nua, localizado na cidade de Redenção - Ceará, construído na segunda metade do século XX em comemoração ao centenário da emancipação política do município. Propõe-se uma tentativa de compreender como a imagem da Negra Nua, projetada no painel, influenciou na construção do conhecimento e, principalmente, a relação do simbolismo e a representação dos negros libertos desta obra aos discursos pós-abolicionistas. Para este estudo, utilizar-se-á a concepção da pintura como lugar de memória, a expressão da mulher nos movimentos históricos e quais significados sociopolíticos podem ser percebidos na obra. As atividades realizadas para esta pesquisa, além da descrição, têm como objetivo identificar através da observação da pintura no monumento e de documentos históricos, qual o impacto do tema abolição na construção do conhecimento histórico para o município de Redenção. Deste modo, é preciso relacionar a perspectiva da obra com a história dita oficial, ainda pautada nos discursos positivistas, para que se possa apreender melhor o processo pós-abolicionista por meio de diversos prismas sobre o fato ocorrido. Por fim, será feita uma reflexão a respeito de como esse monumento pode contribuir para uma melhor compreensão sobre a função das pinturas históricas na produção do conhecimento.

**Palavras-chave:** Pintura histórica. Abolição. Monumento da Negra nua.

## INTRODUÇÃO

A visita ao Monumento da Negra Nua é uma forma de comprovar que temos, ainda hoje, uma visão muito enraizada nas teorias positivas quando se trata do fazer histórico. O painel da Negra Nua é carregado de simbolismo que converge para mostrar um momento histórico, a abolição dos escravizados, que essa negra representa a vítima desse horror e que de nenhuma forma protagonizou sua própria liberdade. Um monumento que contribui para manter a elite como detentora do heroísmo e personagem principal dos eventos históricos.

Quando nos dedicamos à pesquisa sobre o abolicionismo e sua difusão no Ceará, observamos que a historiografia oficial, especialmente aquela produzida dentro do Instituto Histórico do Ceará, tratou de apregoar entre fins do século XIX e primeira metade do século XX que este foi um processo consensual em todas as camadas sociais na década de 1880. Desta forma, o registro da abolição na cidade de Redenção no dia 1º de janeiro de 1883 e em seguida o Governo do Ceará declarando extinta a escravidão em seu território, na data de 25

---

<sup>1</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras. Estudante do Curso de Licenciatura em História, bolsista PIBEAC. e-mail: geysamoura1@gmail.com.br.

de março de 1884, foram marcos significantes que possibilitaram a esta região se intitular de terra da luz.

Contudo, ao observar essa perspectiva histórica nos questionamos qual o papel do homem negro e da mulher negra, ambos escravizados, neste processo abolicionista? Muitos dos documentos históricos e jornais colocam esses personagens sempre a margem do processo, ora omissos, ora em segundo plano e, em muitos casos, estes são colocados como marionetes ou um troféu para representar não sua luta de libertação, mas o esforço de “benfeitores”, de “homens de bem”, em prol de um ato altruísta.

Destarte, o estudo sobre a obra da Negra Nua tenta compreender o sentido de sua criação e a representação dos negros libertos nos discursos pós-abolicionistas e qual a perspectiva dessa pintura como lugar de memória.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa documental na qual foram utilizadas fontes primárias, monumento histórico e também textos teóricos para compreender o processo de formação sociopolítica na cidade de Redenção após a libertação dos escravizados. As fontes utilizadas para pesquisa foram jornais locais, livros sobre o município, documentos da Prefeitura Municipal de Redenção e o Monumento da Negra Nua.

A abordagem utilizada para esta pesquisa será através dos métodos histórico, dialético e comparativo. Logo, entendemos que os documentos históricos podem ser analisados, contestados e/ou compreendidos dentro de uma abordagem pessoal de cada pesquisador para se chegar a determinadas propostas de pesquisa. Utilizamos as fontes de pesquisa como objetos capazes de serem avaliados, questionados, comparados e, até mesmo, contestados. Dessa forma, refletimos sobre como essas fontes podem ter, ou não, contribuído para nossa compreensão sobre o período pós-abolição e o saber-fazer da pesquisa histórica.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O Monumento da Negra Nua, caracterizado como o monumento da libertação, está localizado na cidade de Redenção – Ceará, na Avenida da Abolição. Foi construído, de acordo com os registros da prefeitura de Redenção (Pedido de Reforma do Centro Cultural de

Redenção – CE. 2013) “como marco comemorativo do centenário de emancipação política em 28 de dezembro de 1968”, pelo artista plástico Eduardo Pamplona<sup>2</sup>.

Apesar de poucos documentos que tratam a respeito da obra, observamos um aspecto interessante na descrição do painel, pois tanto a placa que sinaliza o monumento no local, às referências de matérias de jornais e revistas quanto à própria população conhecem o nome da obra como “Negra Nua”, contudo, foi inesperado encontrar nos documentos da prefeitura dados da pintura que a intitulam “A escrava – Negra Nua”.

Neste sentido, essa descrição reforça um estereótipo estigmatizado socialmente, pois a obra de 1968 que deveria representar a luta pela libertação dos negros ainda reflete um pensamento opressor, elitista e machista. A obra se enquadra exatamente no que Walter Benjamin trata sobre monumento da barbárie, exemplificando o poder do dominador sob o dominado, é a descrição do sofredor recebendo a liberdade pelas mãos da elite branca.

Observamos nessa pintura da Negra Nua, as características que representam o que se convencionou chamar de “pintura histórica”, que Bittencourt (2000), em seu texto explica que foi um tipo de arte bastante difundida no Brasil no século XIX e que o artista responsável detinha um estilo engajado de pintar. Este artista deveria figurar em suas obras apenas aquilo que o Estado gostaria de representar para a população. A ideia era de homogeneização, mostrar através da arte e da pintura, pois a população desta época era em sua maioria analfabeta, qual camada social que cada um deveria representar, ou seja, qual seu lugar social.

Assim, o que podemos aferir dessa pintura da Negra Nua? Qual perspectiva essa pintura tem como lugar de memória?

A pintura da Negra Nua descreve uma mulher negra, que tende a ser de classe pobre, pois se encontra sem roupas e de joelhos. Ou seja, representando um ser submisso, que recebe de bom grado a dádiva da elite para sua libertação. As correntes quebradas significa a libertação e o feixe de luz figura a elite dotada de altruísmo, bondade e clemência diante dos pobres sofredores. Além disso, a nudez da negra, não só representa seu lugar numa determinada camada social, mas também sua sexualidade, seu erotismo e subjugação da mulher negra para os prazeres carnavais.

São essas representações que se pretende demonstrar nesta pintura, a homogeneização de um povo negro, especificamente das mulheres negras, para um

---

<sup>2</sup> Eduardo Pamplona nascido em Fortaleza no ano de 1944. Além da profissão de odontólogo, também foi artista plástico, escultor e músico.

determinado lugar social, basicamente fadado as periferias sociais, longe de ser capaz de exercer sua força e autonomia como sujeitos históricos. Em seu texto Bittencourt (2000) nos diz que, “em torno da figura emblemática constrói-se um palco para a comemoração da memória a ser laboriosamente construída. A ideia de um teatro, onde a memória será permanentemente representada, parece interessante.” É desse modo que se quer preservar as representações contidas no monumento da Negra Nua, como palco de comemoração de uma libertação que foi concedida por uma elite benfeitora para um povo subserviente e incapaz de lutar por seus direitos, reforçando a todo instante a identidade desses grupos.

Isto posto, destacamos que a história foi por muito tempo produzida por pessoas poderosas e as outras camadas sociais e muitos outros personagens foram esquecidos ou silenciados. Pollak afirma que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p.8)

Isto é, em muitos casos as narrativas difundidas são sempre determinadas por quem ocupa um lugar privilegiado hierarquicamente. É preciso retirar esses relatos do subsolo e levar a público outras formas de percepção a respeito dos acontecimentos.

Como observamos, os discursos e as narrativas propagadas desde o monumento que representa a libertação até nos museus, documentos e imagens, ainda são pautados numa construção ideológica de uma classe dominante e detentora da suposta verdade histórica, que criou a exaltação de seus feitos e silenciou aquele a quem por muito tempo oprimiu.

## **CONCLUSÕES**

Diante do tema tratado neste trabalho, compreendemos que é preciso reconstruir nossa percepção histórica, como Benjamin nos diz que se deve “escovar a história a contrapelo”. É necessário preconizar uma historiografia que tenha como protagonista não apenas a classe dominante, mas que todas as classes sejam capazes de produzir seu próprio conhecimento é preciso quebrar o silêncio para que os grupos minoritários também possam ser capazes de construir sua própria abordagem histórica dos fatos.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer primeiramente ao meu orientador Robério Américo do Carmo Souza, sempre atento, comprometido e dedicado. Agradeço também as minhas colegas

Valdélia Freitas, Syrlyane Pelúcio e Ester Araújo, companheiras de pesquisa com quem sempre posso contar.

## REFERÊNCIAS E FONTES

ALBERTI, Verena. *O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado*. 1996. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/869.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/869.pdf) Acesso em 02/02/2016.

ARAÚJO, M. P. N.; SANTOS, M. S. *História, memória e esquecimento: implicações políticas*. In: Revista Crítica de Ciências Sociais. Dezembro 2007. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/79/RCCS79-095-111-MPNascimento-MSepulveda.pdf> Acesso em: 14/11/2015.

BARBOSA, Anna Emília Maciel. et al. *Descobrimo e construindo Redenção*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011.

BITTENCOURT, José Neves. O teatro da memória - palco e comemoração na pintura histórica brasileira. In: *Projeto História: Sentidos da Comemoração*, vol. 20. Projeto História (PUCSP). São Paulo, abr. 2000, p.153-162.

CEARÁ. Prefeitura Municipal de Redenção. *Pedido de Reforma do Centro Cultural de Redenção - CE*. Disponível em: <http://api.convenios.gov.br/siconv/id/proposta/1742248> Acesso em 30/08/2016.

LUCENA, M. R. de L. ; ALBUQUERQUE, A. L. C. ; SOARES, J. R. O início do século XIX brasileiro a partir da pintura histórica. In: *Anais do II encontro internacional de história colonial*, 2008, Caicó. Mneme (Caicó. Online). Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008. v. 9. p. 01-10.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n.10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, vol. 2, n.3. Rio de Janeiro, 1989, pp. 3 – 15.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Projeto História*. São Paulo, n° 14, fevereiro de 1997, p. 7- 24.

\_\_\_\_\_. O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. São Paulo, n° 14, fevereiro de 1997, p.25-39.